Práticas Inovadoras na educação: Possibilidades da convergência entre a educação a distância e a educação presencial

Innovative practices in education: Possibilities of convergence between distance education and face-to-face education

Luciana Dalla Nora dos Santos[1]
Gina Maria Porto de Aguiar[2]
Bento Duarte da Silva[3]

Resumo: Este trabalho discute o potencial inovador das tecnologias como motivadoras de um poder de transformação renovado a partir da construção de novas formas de aprender e de ensinar que articulem o presencial e o virtual. Assim tem como objetivo trazer referenciais teóricos que possibilitem pensar na construção de práticas inovadoras na era digital, que poderão combinar o melhor do presencial com as potencialidades do virtual. Interessa problematizar se esta convergência pode ser entendida como um elemento propício para a inovação, visto que, somente a utilização da tecnologia neste processo não garante a construção de uma prática inovadora, pois todos os processos dependem de um projeto pedagógico bem construído o qual seja capaz de superar a prática da reprodução e da transmissão e levar à produção do conhecimento. Assim, servem como aporte teórico os estudos de Cunha (2016), Jenkins (2009), Kenski (2012, 2015), Moran (2000, 2004, 2015), Silva (2000, 2011), Silva e Gomes (2003), Silva e Conceição (2013), Silva e Falavigna (2016), entre outros. A partir deste trabalho, pretende-se fomentar não somente a discussão acerca da necessária e urgente convergência entre estas duas modalidades de ensino (educação presencial e educação a distância) como também problematizar se esta aproximação pode contribuir para a produção de práticas pedagógicas inovadoras na educação.

Palavras-chave: Educação a distância. Práticas inovadoras. Tecnologias.

[1]Licenciada em Pedagogia, Mestre em Educação. Doutoranda em Ciências da Educação, especialidade Tecnologia Educativa, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, RS, Brasil, E-mail: luciana.santos@iffarroupilha.edu.br

[2]Doutoranda em Ciências da Educação, especialidade Tecnologia Educativa, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, Brasil, E-mail: ginampa@gmail.com

[3] Licenciado em História e Ciências Sociais, Mestre em análise e organização de educação, Doutor em em Tecnologia Educacional, Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho, E-mail: bento@ie.uminho.pt

Introdução e Metodologia

A Tecnologia Educativa é um campo complexo, especialmente devido a expectativa de que as transformações impulsionadas pelo uso intensivo das tecnologias possa trazer soluções rápidas e inovadoras para o ensino. Sem dúvida, as tecnologias nos auxiliam a ampliar o conceito de aula, espaço e tempo, e inclusive estabelecer pontes e caminhos entre o presencial e o virtual, bem como o estar juntos conectados a distância (Moran, 2010). No entanto, é importante frisar que a tecnologia é também um fator que implica um novo modo de fazer a educação.

A simples inclusão das tecnologias não é capaz de realizar a reformulação necessária na educação, pois o que vemos é cada vez mais um ensino focado na transmissão e utilizando as tecnologias para perpetuar uma educação ainda ligada à fala massificante. Segundo Kenski (2012, p. 112) trata-se de construir "uma nova cultura educacional, que rompe com os tempos rígidos das disciplinas e com os espaços formais das salas de aula presenciais. Um tempo de aprender colaborativamente [...]"

Tendo em vista este contexto que surgem as reflexões propostas neste trabalho, o qual faz parte das reflexões de um projeto de doutoramento inserido na especialidade de Tecnologia Educativa na Universidade do Minho.

Torna-se cada vez mais urgente e necessário voltarmos nossa atenção para a construção de práticas inovadoras na educação a partir das possibilidades existentes da convergência entre a educação presencial e a educação a distância.

Partimos do pressuposto de que a integração das tecnologias da informação e da comunicação na educação presencial podem atuar como motivadoras para a construção de um novo modelo na educação, o qual seja mais centrado na partilha, na colaboração e na construção conjunta do conhecimento.

Para tanto, a discussão acerca do potencial inovador das tecnologias, a partir deste novo paradigma societário que estamos vivendo pode servir como motivador de um poder de transformação renovado. Assim, servirão como aporte teórico para este trabalho os estudos de

Cunha (2016), Jenkins (2009), Kenski (2012, 2015), Moran (2000, 2004, 2015), Silva (2000), Silva e Gomes (2003), Silva e Conceição (2013), Silva e Falavigna (2016), entre outros.

Deste modo, este trabalho inicia por mapear esse novo paradigma societário, identificando os sentidos do termo convergência digital, relacionando-o ao contexto educacional, de modo a discutir a crescente ampliação das tecnologias digitais e sua implicação nas formas de ensinar e aprender nos espaços educativos.

Em seguida, apresenta alguns pesquisadores que problematizam se esta convergência pode ser entendida como um elemento propício para a inovação, visto que, somente a utilização da tecnologia neste processo não garante a construção de uma prática inovadora, pois todos os processos dependem de um projeto pedagógico bem construído o qual seja capaz de superar a prática da reprodução e da transmissão e levar à produção do conhecimento.

A partir deste trabalho, pretendemos fomentar não somente a discussão acerca da necessária e urgente convergência entre estas duas modalidades de ensino (educação presencial e educação a distância) como também problematizar se esta aproximação pode contribuir para a produção de práticas pedagógicas inovadoras na educação.

1. Referencial teórico

Estamos vivendo um momento histórico e cultural denominado como a era da informação, ou era digital (Goméz, 2015), o qual tem sido marcado especialmente pelo gerenciamento dessa informação. Esta nova era traz consigo novos conceitos e novos significados que nos permitem compreender essa complexidade e também construir novos modos de ser e saber nesse contexto (Catapan, 2003).

Um dos conceitos que podem auxiliar a compreender esse novo contexto é trazido por Jenkins (2009, p. 29) ao referir-se ao termo Convergência, que: "[...] é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais [...]". Para tanto, envolve o modo como a tecnologia e a informação (os medias) circulam na nossa cultura, ou seja, a maneira como acontece o fluxo de conteúdo, a cooperação entre os diferentes mercados midiáticos, dentre outros. O autor para além de trabalhar as transformações decorrentes da evolução da comunicação e da tecnologia, problematiza as mudanças em relação

ao modo como temos nos relacionado com estas tecnologias.

Jenkins (2009, p. 51) destaca que a convergência acontece de forma pessoal em cada situação, mas também por meio das interações sociais realizadas, além disso, "convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias". Diante desse cenário, o autor sinaliza a existência de uma cultura da participação, a qual, alicerçada nas novas tecnologias reconhece esses consumidores de tecnologia como participantes ativos no processo de produção de novos conhecimentos.

Diante dos novos modos de organização, provocados pelas novas formas de comunicação, que geram uma nova forma de ser, saber e aprender, Silva e Conceição (2013) pontuam que às transformações nessa sociedade em rede opera para que estejamos vivendo o tempo da cibercultura. Silva (2011, p. 208) esclarece que: "Por cibercultura entende-se "o conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), às práticas, as atitudes, as maneiras de pensar e os valores que se desenvolvem conjuntamente com o crescimento do ciberespaço".

Ainda sobre a cibercultura, o autor coloca que são os princípios que a movem, dentre eles a interligação, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva que fazem então convergir na sociedade em rede. Portanto, a cibercultura permite não somente o acesso ao conhecimento, mas também a possibilidade de partilharmos e produzirmos conhecimento.

Catapan (2003) analisa os processos de interação mediados por Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) com o propósito de levantar indicadores pedagógicos para esta mediação no processo pedagógico. Ela afirma que o ciberespaço oferece amplas possibilidades de interação, as quais permitem ao sujeito escolher e construir a sua trajetória de aprendizado da maneira que achar melhor de acordo com suas necessidades e expectativas.

Diante dessas possibilidades, Catapan (2003) alerta para a necessidade de que a escola redefina sua função, no sentido, de superar a ideia da transmissão do saber para promover condições para que o sujeito possa interagir e ressignificar as informações de modo a transformá-la em conhecimento. Nesse entendimento, defende a tese de que é preciso entender a relação entre a pedagogia e a tecnologia digital numa perspectiva multirreferencial, "em que os sujeitos geram, nos processos de interação mediados pela TCD, um outro lugar, uma rede de representações que ao se constituir subverte os padrões de ensino-aprendizagem

preestabelecidos nos modelos tradicionais." (Catapan, 2003, p. 5)

Assim sendo, cabe a nós questionar de que maneira nesta era da convergência, da cultura participativa e da inteligência coletiva, podemos desenvolver novas práticas pedagógicas na qual os sujeitos são incentivados a procurar informações, a fazer conexões, a interligar conteúdos e a cooperar com outros por meio de múltiplas plataformas de mídias. Estarão os professores disponíveis para além de aceitar essa mudança, ajudar a promovê-la em suas práticas cotidianas? Estarão os professores e alunos disponíveis para trabalhar com um outro modelo?

Ao trabalharmos na perspectiva da construção de uma nova relação com o conhecimento e a construção de novas formas de ser, saber e aprender, acreditamos também nas possibilidades trazidas pelas tecnologias no sentido de construir um outro modelo de educação, baseado na cooperação e partilha da informação e do conhecimento. (Silva, 2000).

Silva (2000) ao discutir e analisar os dados de uma experiência realizada com alunos do ensino superior, na qual se utilizou da metodologia de trabalhos em grupos mediados por um ambiente *online* destaca alguns resultados importantes acerca da experiência especialmente no que se refere ao seu objetivo de estimular a partilha de informação entre os alunos.

Dentre a avaliação realizada pelos alunos no decorrer da atividade, com destaque para o nível superior das interações entre eles e a busca de informações e subsídios com o professor, ao mesmo tempo, da presença de uma resistência à colaboração e a partilha do conhecimento, fatores estes que demonstram também a pouca familiaridade dos sujeitos com este tipo de prática de trabalho colaborativo. Podemos observar que a experiência apresenta várias vantagens do trabalho que conjuga atividades presenciais com atividades on-line, mas que também tais atividades precisam ser construídas como uma prática em diferentes momentos do curso e não apenas nas disciplinas ou componentes curriculares intitulados de tecnologias da informação, uma vez que: "[...] formar para a sociedade da informação é, sem dúvida, um objectivo que tem que estar subjacente a qualquer currículo ou plano de formação, desde os

níveis mais básicos da escolaridade até as mais diversas áreas do Ensino Superior." (Silva, 2000, p. 297).

Enfim, o que se observa em algumas experiências relatadas (Silva, 2000; Silva & Gomes, 2003; Silva & Conceição, 2013) é que os alunos, apesar de suas dificuldades, costumam aprovar atividades que comunguem a união do presencial com o online, devido não somente a possibilidade de flexibilidade espaço-tempo, mas também da construção de uma relação mais horizontal entre professor e aluno, o que consequentemente, provoca a melhoria na qualidade da aprendizagem, uma vez que, contribui para a reconstrução de novos espaços, novas formas de organização onde seja possível compartilhar conhecimento e construir novas relações.

Pesquisas recentes demonstram que já existe um movimento irreversível a favor dessa mudança, sendo que em um futuro próximo não falaremos mais em educação a distância e educação presencial, mas sim em educação. Ou seja, as duas modalidades estão convergindo para um modelo híbrido capaz de integrar ações e atividades destas duas modalidades, tese que é defendida por Tori (2010), Kenski (2012, 2015), Silva (2000, 2011), Moran (2000, 2004, 2015), Amante (2016) e outros pesquisadores da educação.

Podemos afirmar assim que essa integração pode ser mais intensa no âmbito das instituições que oferecem simultaneamente as duas modalidades de ensino: presencial e a distância, uma vez que, já possuem uma trajetória no trabalho voltada para a inovação, ora com ambientes virtuais de aprendizagem e ora com equipes multidisciplinares, tendo em vista a própria organização e gestão da EAD na instituição. Num texto recente sobre Cultura da Convergência e Universidade: contributos da Educação a Distância, Amante (2016, p. 256) discute o potencial que a EAD possui enquanto espaço para a inovação nas práticas pedagógicas. Nas palavras da autora:

> A EAD começou por contribuir, designadamente no plano da educação formal para a criação de novos espaços pedagógicos. [...] parece ser a modalidade de ensino mais permeável à inovação e mais promotora da mudança, em virtude de assumir o uso das tecnologias como algo indissociável dos seus processos de formação. Nesse sentido, a EAD poderá contribuir e até mesmo liderar o processo de reconfiguração pedagógica [...]

Essa afirmação vai ao encontro dos estudos de Cunha (2016) ao discutir a inovação na educação. A autora pontua algumas condições que observa como impulsionadoras para a

construção de práticas pedagógicas inovadoras, dentre elas a crescente ampliação das tecnologias digitais e sua implicação nas formas de ensinar e aprender nos espaços acadêmicos. Assim, a autora adota a perspectiva da inovação como ruptura paradigmática, o qual envolve "[...]o reconhecimento de outras formas de produção de saberes, incorporando a dimensão sócio-histórica do conhecimento e sua dimensão axiológica, que une sujeito e objeto (Cunha, 2016, p. 97).

Para tanto, a partir da evolução das mídias e, em particular da internet que acreditamos na potencialidade que existe na convergência entre a educação a distância e a educação presencial de forma a contribuir e liderar os processos de reconfiguração pedagógica e assim a construção de práticas pedagógicas inovadoras na educação.

Ao mesmo tempo, ao discutirmos esta convergência como um elemento propício para a inovação precisamos ter claro que somente a utilização da tecnologia neste processo não garante a inovação, pois todos os processos dependem de um projeto pedagógico bem construído o qual seja capaz de superar a prática da reprodução e da transmissão e levar à produção do conhecimento.

Considerando a importância de vivenciar uma nova pedagogia da comunicação e da gestão do presencial e do virtual vale referir os estudos de Catapan (2003), Gomez (2015) Moran (2000, 2015) e Kenski (2012, 2016), os quais problematizam esses novos cenários e ambientes de aprendizagem que serão múltiplos, devido principalmente às condições de acesso e uso de tecnologias cada vez mais avançadas. Além disso, os conceitos de presença e de distância também serão alterados, o que exigirá uma nova postura dos professores.

A tecnologia é um fator que já implica um novo modo de fazer a educação, uma vez que "proporciona um novo modo de se comunicar implicando a organização de uma sociedade em rede, conectada em diferentes espaços que desafiam o ensinar e aprender propostos pela escola tradicional" (Machado, Silva & Catapan, 2014, p. 67).

Segundo kenski (2012) as mudanças já estão ocorrendo e vão muito além dos atuais ambientes e dos espaços de aprendizagem, uma vez que, estão vinculadas com a linha filosófica e o projeto pedagógico da instituição. Diante disso, é preciso que todos estejam preparados para a construção dessa nova linha filosófica de forma a aproveitar as possibilidades comunicativas

e interativas que a tecnologia nos oferece.

Portanto, a construção de novas formas de aprender e ensinar que articulem o presencial e o virtual somente se constituirá em uma prática inovadora se promovermos um amplo debate sobre a comunicação digital e as suas implicações com a prática para uma nova educação na era digital, que poderão combinar o melhor do presencial (quando possível) com as potencialidades do virtual.

Nessa direção, Silva e Gomes (2003, p. 45) contribuem ao afirmar que "a aprendizagem em aula e a aprendizagem a distância se combinam e complementam, extraindo de cada modelo as mais-valias que proporcionem uma melhor aprendizagem."

A integração das tecnologias da informação e da comunicação na educação presencial é inovadora e motivadora para a construção de um novo modelo na educação mais centrado na partilha, na colaboração e na construção conjunta do conhecimento. Ao mesmo tempo, torna-se de extrema importância acompanhar essas experiências, na medida em que elas possibilitam repensar os modelos existentes e fomentar a construção ou desconstrução da atual atuação de professore e alunos frente ao conhecimento.

Considerações Finais

Através do presente trabalho buscamos fomentar não somente a discussão acerca da necessária e urgente convergência entre a modalidade presencial e a distância como também problematizar se esta aproximação pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas inovadoras na educação.

Nessa direção, a partir do referencial teórico ora apresentado percebemos que esta convergência pode realmente se constituir como um elemento propício para a inovação nas práticas pedagógicas, mas que é preciso estar atento para alguns fatores importantes nesse processo, dentre eles, a compreensão de que a simples utilização da tecnologia no ensino presencial, não garante a construção de uma prática pedagógica inovadora.

Apesar de termos conhecimento do papel transformador das tecnologias na educação, precisamos também ter consciência de que as tecnologias sozinhas não operam a mudança,

visto que “se a escola não se reestruturar face às implicações das tecnologias e não possuir professores competentes, não existe tecnologia alguma que resolva os problemas.” (SILVA, 2011, p. 218).

Observamos assim que a inovação utilizando tecnologia depende de um novo olhar sobre os processos de ensinar e de aprender, o qual seja capaz de superar a prática da reprodução e da transmissão e levar a produção do conhecimento. Tendo em vista este referenciais corroboramos com as palavras de Silva e Falavigna (2016, p. 35) de que “é possível desenhar cenários inovadores para a educação na sociedade digital, sendo esta fortemente marcada pela alteração da relação com o espaço e o tempo.”

Referências

Amante, L. (2016) Cultura da convergência e universidade: contributos da Educação a Distância. Revista de Educação Pública. Cuiaba, v. 25, n. 59, p. 251-259.

Catapan, A. H. (2003). Pedagogia e tecnologia: a comunicação digital no processo pedagógico. Educação. Porto Alegre, v.26, n. 50, p. 195-211.

Cunha, M. I. da. (2016). Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. Em Aberto, v. 29, n. 97.

Gómez, Á. I. P. (2015) Educação na era digital: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

Jenkins, H. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

Kenski, V. M. (2012). Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus.

Kenski, V. M. (2015). A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino. Revista Diálogo Educacional, v.15, n.45, 2015. Disponível em: http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=15316. Acesso em 26 fev. 2018.

Machado, A.; Silva, A. R.L.; Catapan, A. H. (2014). Convergência entre a comunicação digital e a prática da Educação a Distância. Revista E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial-ISSN-1983-1838, p. 55-70, 2014. Disponível em: http://revista.ctai.senai.br/index.php/edicao01/article/view/481. Acesso em 26 fev. 2018.

Moran, J. M. (2000). Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: Moran, J. M. et. al. (2000). Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus.

Moran, J. M. (2004). Propostas de mudança nos cursos presenciais com a educação on-line. In: Congresso Internacional de Educação a Distância, 11º, 2004, Salvador. Anais eletrônicos. Salvador: ABED, 2004, Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/propostas.htm> Acesso em: 26 fev. 2018.

Moran, J. M. (2015). Mudando a educação com metodologias ativas. In: Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas.

Silva, B. D. (2000). O contributo das TIC e da internet para a flexibilidade curricular: a convergência da educação presencial e a distância: In: José A. Pacheco, José C. Morgado & Isabel Viana (orgs). Actas do IV Colóquio sobre questões curriculares. Braga: Universidade do Minho, pp. 277-298.

Silva, B.; Gomes, M. J. (2003). Contributos da Internet para a mudança do paradigma pedagógico: uma experiência de trabalho colaborativo. ELO, Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda, Guimarães, pp. 35-46.

Silva, Bento (2011). Desafios à Docência online na cibercultura In: Carlinda Leite, José A. Pacheco, Antonio Flavio Moreira & Ana Mouraz (orgs.). Políticas, Fundamentos e Práticas do Currículo. Porto: Porto Editora. (pp. 208-220).

Silva, B.; Conceição, S. (2013). Desafio do B-learning em tempos da cibercultura. In: Almeida, M.; Dias, P.; Silva, B. (Orgs.). Cenários de Inovação para a educação na sociedade digital. São Paulo: Edições Loyola.

Silva, B.; Falavigna, G. (2016). Aprendizagem ubíqua na modalidade blearning: estudo de caso do mestrado de Tecnologia Educativa da UMinho. In: Falavigna, G. ; Silva, B. Temas educacionais: tecnologias, sustentabilidade, docência e recursos. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Tori, R. (2010). Educação sem distância – as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: SENAC.